

ETNOGRAFIA: UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA QUALITATIVA NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO

Brunna Alves da Silva¹

Camila Rezende de Oliveira²

Guilherme Saramago de Oliveira³

Kelma Gomes Mendonça Ghelli⁴

Márcia Regina Gonçalves Cardoso⁵

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos o termo tem dois sentidos. Um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social e um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (André, 2008, p. 27).

Resumo:

O presente artigo possui como objetivo apresentar e analisar as principais características da Etnografia como uma alternativa metodológica de natureza qualitativa e sua magnitude na construção e desenvolvimento de produções acadêmico-científicas dentro da esfera educacional.

Palavras-chave:

Etnografia. Pesquisa Qualitativa. Metodologia de Pesquisa.

Abstract:

This article presents and analyzes the main characteristics of Ethnography as a methodological alternative of a qualitative nature and its magnitude of development of scientific productions within the educational sphere.

Keywords:

Ethnography. Qualitative Research. Research Methodology.

1. Ideias iniciais - Antropologia

Ao referirmo-nos a Etnografia, é importante compreender como se deu a desenvoltura de um fazer antropológico, bem como suas implicações para que necessidades outras fossem surgindo e colocassem em evidência a busca por respostas e

¹ Doutoranda. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Doutora em Educação. Professora da Universidade Federal de Uberlândia.

³ Doutor em Educação. Professor da Universidade Federal de Uberlândia.

⁴ Doutora em Educação. Professora do Centro Universitário Mário Palmério.

⁵ Doutora em Educação. Professora do Centro Universitário Mário Palmério.

especificidades. A perspectiva antropológica não apenas surgiu como desenvoltura e expansividade do mundo, mas também e principalmente para levantar questionamentos e proporcionar um local cativo a respeito daqueles que dotavam o saber legítimo.

Estabelece-se então uma relação de hierarquia entre o homem europeu designado como o centro do mundo e os demais grupos sociais existentes, postos à margem, modelo esse prevalente até os dias atuais com sutis diferenças. Tal perspectiva evolucionista, característica do século XIX, contribuiu para que a etnografia como metodologia, obtivesse um caráter pautado no fortalecimento de estereótipos e consequentemente na discriminação social, pontos consideravelmente divergentes de uma linhagem científica, ética e moral.

Boas (1943) propõem uma inovadora perspectiva de desenvolvimento antropológico, contrário a linhagem evolucionista e excludente a qual compreende a historicidade humana não em uma perspectiva linear e unilateral, mas plural, de modo a respeitar as particularidades de cada grupo, entendendo que o etnocentrismo evolucionista não cabe mais no que tange a expansibilidade da etnografia, mas sim o seu reducionismo e consequentemente o da também história social de nosso país.

É então acrescentado em conjunto a essa nova ótica do fazer científico antropológico, características do culturalismo, as quais abriram caminhos para que fosse perceptível a necessidade de se estender os estudos teóricos para pesquisa de campo, vez que, conhecer a cultura de outro indivíduo, torna-se um exercício de vivência e experimentação social. Geertz (1978) propõe que as lentes para enxergar a cultura precisam corresponder a um emaranhado de uma teia tecido pelo próprio homem, de modo que a antropologia seja o instrumento que se encarregue de desvelar a mesma. Nas palavras de Geertz (1978):

O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e sua análise; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados (Geertz, 1978, p. 15).

Nesse sentido toda área e metodologia de pesquisa, houve tensões acerca da estruturação, não apenas relacionado a teoria e prática, mas também quanto a construção textual etnográfica e a hierarquia estabelecida socialmente entre pesquisador/pesquisado. A autocrítica é um dos elementos fundamentais de pesquisa, o fazer científico não está livre de apresentar tendências questionadoras quanto ao seu desenvolvimento e esse texto

vem ao encontro desses aspectos pois visa apresentar a Etnografia como ponto de partida para as respostas das diferentes abordagens científicas.

2. Etnografia na Investigação Científica

A Etnografia pode ser entendida como uma modalidade da Antropologia que tem por finalidade estudar profundamente a constituição de um determinado povo em sua totalidade, analisando e compreendendo desde suas atividades comportamentais até esferas como raça, religião, cultura, dentre outros aspectos que possam ser característicos daquele território comunidade.

Claro que não é possível, nem necessário, que o mesmo homem conheça por experiência todas as verdades de que fala. Basta que tenha, algumas vezes e bem longamente, aprendido a deixar-se ensinar por uma outra cultura pois, doravante, possui um novo órgão de conhecimento, voltou a se apoderar da região selvagem de si mesmo, que não é investida por sua própria cultura e por onde se comunica com as outras (Merleau-Ponty, 1984, p. 199-200).

A etnografia, para Achutti (2004, p. 93), é um esforço “[...] para realizar um trabalho de pesquisa interpretativa, visando a uma composição que mostre a singularidade cultural de um determinado grupo social ou de subgrupos que vivem em sociedades diversas”.

Geertz (1978) explicita que desempenhar um estudo etnográfico vai muito além de observar, transcrever, levantar hipóteses ou alimentar religiosamente um diário de bordo. Para o autor, a desenvoltura intelectual no compromisso em tecer uma descrição densa, é o que realmente caracteriza uma real e considerável utilização da perspectiva etnográfica em uma pesquisa.

Um estudo etnográfico, no entendimento de Geertz (1978),

É como tentar ler (no sentido de construir uma leitura de) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (Geertz, 1978, p. 20).

O método etnográfico, na compreensão de Marconi e Pressotto (1992, p. 32), “Refere-se à análise descritiva das sociedades humanas, principalmente das primitivas ou ágrafas e de pequena escala. Mesmo o estudo descritivo requer alguma generalização e comparação, implícita ou explícita. Refere-se a aspectos culturais”.

A completude é um dos principais parâmetros de preocupação se tratando dessa metodologia. É preciso enxergar as especificações daquele grupo, o significado que as mesmas possuem para tal e ao mesmo tempo promover em mente um paralelo entre a ocorrência e a comparação etnológica. O objeto da etnografia é complexo, justamente por reunir um conjunto de significantes diversificados e muito característico que nos exige um alto nível não apenas de percepção, mas também de interpretação, sem que haja fragmentações. Ou seja, é necessário percebê-las como estruturas que apresentam interrelação em uma multiplicidade de níveis (Ogbu, 1981).

Isso vai exigir do pesquisador, o que os antropólogos chamam de estranhamento, um esforço deliberado de distanciamento da situação investigada para tentar apreender os modos de pensar, sentir, agir, os valores, as crenças, os costumes, as práticas e produções culturais dos sujeitos ou grupos estudados (André, 2005, p. 26).

A Etnografia depende também de uma determinada habilidade de escrita do visível. Para isso é necessário que o pesquisador seja um bom observador, que de fato enxergue o outro, se sensibilize para que então consiga adentrar a um espaço desconhecido, que ainda assim, necessita de certo conhecimento sobre o contexto ali analisado. É preciso se livrar de preconceitos e não se desligar de sua imaginação científica enquanto etnógrafo.

O etnógrafo, para Geertz (1978, p. 29), “[...] inscreve o discurso social: ele o anota. Ao o fazer, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente”.

Na etnografia, conforme Malinowski (1978),

[...] o autor é, ao mesmo tempo, o seu próprio cronista e historiador; suas fontes de informação são, indubitavelmente, bastante acessíveis, mas também extremamente enganosas e complexas; não estão incorporadas a documentos materiais fixos, mas sim ao comportamento e memória de seres humanos (Malinowski, 1978, p. 18).

Se analisarmos ao longo da humanidade, essa prática sempre esteve presente em nossas vidas de um modo reduzido e corriqueiro, no ato da comparação, principalmente no que diz respeito a culturas diferentes. É natural ao ser humano observar e comparar os mais diversos aspectos que possam reger nossa sociedade, porém aprofundar, conhecer e experimentar aquilo que consideramos diferente/desconhecido, ainda nos é um grande desafio.

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos o termo tem dois sentidos. Um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social e um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (André, 2008, p. 27).

Ao refletirmos a etnografia enquanto método é perceptível como sua estruturação se difere dos modos convencionais de se desenvolver pesquisas no âmbito das ciências sociais. Primeiramente pelo fato de ser um estudo completamente dependente da pesquisa de campo. Ou seja, o pesquisador necessita de um local para experimentar e este não possui controle sobre a vivência dos demais.

[...] ao tentar penetrar em formas de vida que lhe são estranhas, a vivência que delas passa a ter cumpre uma função estratégica no ato de elaboração do texto, uma vez que essa vivência - só assegurada pela observação participante “estando lá” - passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 34).

É uma proposta de estudo personalizada, pois favorece com que o pesquisador tenha contato diário com os pesquisados, permitindo dois modos possíveis de atuação na pesquisa, consistindo em participação e também observação. Também é considerada multifatorial, visto que, as técnicas de coletas de dados podem ser tanto de natureza qualitativa, quanto de natureza quantitativa.

Apresenta um tempo de pesquisa/investigação consideravelmente longo, uma vez que necessita da interação de sujeitos e desenrolar de cotidianos, assim não há uma certa exatidão com relação ao tempo, mas uma variação que pode percorrer desde meses até mesmo anos, décadas. É um método indutivo, seu objetivo não se baseia em testar hipóteses, mas sim, através do atento acúmulo descritivo, buscar formulação de teorias explicativas que visem contemplar o fenômeno.

É também dialógico, ou seja, possibilita espaço para discussão com relação às interpretações e conclusões durante seu percurso de formação. Concluindo, é holístico, apresentando total cuidado na transposição quanto a caracterização mais fiel ao grupo em questão estudado.

O trabalho de campo etnográfico, para Clifford (2002),

[...] permanece como um método notavelmente sensível. A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. [...] como meio de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo, a prática da etnografia mantém um certo status exemplar (Clifford, 2002, p.20).

A etnografia apresenta variadas técnicas para que se possa desempenhar a coleta de dados, as quais reunidas compreendem bem três pontos de partida necessários no repertório do pesquisador etnográfico, são estes: observação, entrevistas e pesquisa em arquivo. Ao tratarmos sobre observação é preciso que nos atentemos para algumas possíveis especificações, como por exemplo, a associação dos cinco sentidos do pesquisador para ser capaz de não apenas acompanhar as atividades e sua relação com os indivíduos, mas principalmente estar atento e consciente, de modo a cuidar das lentes para que o etnocentrismo não nega a prática.

As observações precisam partir de uma absorção livre de pré-julgamentos, sendo a preocupação maior o registro densamente rico em detalhes, contando com o mínimo de interpretação ao primeiro momento. Estando o pesquisador mais familiarizado com o campo de pesquisa, inicia-se o processo de avaliação das questões que parecem mais relevantes para definição de possíveis focos. Outro ponto importante dentro da observação, é a percepção e reconhecimento de padrões, diferenciando condutas típicas de aleatórias.

Outro ponto importante é que o pesquisador precisa desenvolver o hábito de produzir anotações de campo que sigam algumas especificações para um bom desempenho de registro, como por exemplo especificar o cenário em que está inserido, caracterização e descrição dos participantes, a cronologia dos eventos e registros quanto às interações. Sempre levando em máxima consideração a profundidade da perspectiva descritiva em questão, vez que, esse exercício favorece o processo da recuperação e comparação de dados ao longo da pesquisa.

A entrevista dentro da etnografia também se apresenta como uma forma de coleta de dados, que precisa ser bem estruturada para que o pesquisador consiga mediar a conversação de modo a ser possível extrair informações relevantes para o estudo. Essa técnica visa somar com as observações realizadas, é uma forma de extensão mais pontual da própria atividade de análise.

Esta, se difere da entrevista tradicional pois não restringe sua objetivação na busca de uma informação, a entrevista etnográfica caracteriza-se por um modo interativo, é uma

via de mão dupla que enxerga o membro da comunidade como um forte parceiro que auxilia o pesquisador na construção e desenvolvimento de questões durante o desenrolar da pesquisa.

A entrevista etnográfica difere de um questionário pois sua proposta visa profundidade, pois busca por significados, explorar as entrelinhas, está para além da superfície do problema. O pesquisador precisa organizar em mente tudo aquilo que já conhece até o momento e embora a entrevista não siga uma estrutura rígida, não se apresenta de forma desordenada, pois além das perguntas abertas, o etnógrafo através de seu mero domínio pode lançar questões investigativas de modo a manter a entrevista em linhagens produtivas.

É importante lembrar que há alguns tipos específicos de entrevista, os quais o pesquisador pode analisar qual se alinha melhor às suas pretensões. A entrevista genealógica consiste na busca e coleta sistemática de dados genealógicos, a qual pode ser utilizada para resgatar padrões interpessoais em uma comunidade ou em investigações que envolvam estudos de descendência, por exemplo. Outra vertente seria a entrevista de história oral, história de vida ou simplesmente história oral. Esse campo possui como interesse a reconstrução do passado pelas experiências daqueles que vivenciaram um evento importante.

A construção desse mosaico de informações colhidas é o que pode conferir uma versão diferente da história popularizada pelos instrumentos de poder em nossa sociedade até então. E apesar da entrevista etnográfica não possuir um caráter engessado, ela também pode contar com entrevista semiestruturada, caso o objetivo do pesquisador seja a mensuração. Há também a pesquisa em arquivos, a qual visa a análise de produtos guardados para estudo, sendo estes de natureza oficial ou não.

O registro das entrevistas fica a critério do etnógrafo, porém o mais utilizado tratando-se de objetividade é o gravador de som, pois este não influencia negativamente quanto ao sigilo dos participantes, facilita a transcrição e armazenamento.

3. Etnografia e Educação

A pesquisa em educação, principalmente voltada para o âmbito escolar, apresenta uma complexidade de temáticas, sujeitos e suas relações. É uma área que requer além de certo domínio, experiência e principalmente uma metodologia que consiga abarcar a

completude, subjetividade e profundidade não só com relação ao espaço e profissionais, como também educandos e sociedade.

Com relação a Etnografia, pesquisadores brasileiros parecem apresentar algumas dificuldades quanto a princípios básicos da metodologia, o que descredibiliza tais estudos e contribuem para uma busca cada vez menor por essa abordagem dentro da esfera escolar.

O primeiro ponto relaciona-se com a descrição densa (Geertz, 1978). Essa descrição tem como ponto de partida a cultura local, porém sem desconsiderar as especificidades e ao mesmo tempo estabelecendo pontes a partir de uma totalidade geral. Há uma dificuldade em manter qualidade de informações a medida que a reunião dessas se estende.

O segundo ponto sinaliza a falta de clareza quanto ao papel da teoria na pesquisa. Há muitas tensões no campo da Etnografia, principalmente no que diz respeito à fragilidade circundante ao processo de validação científica e ao pequeno volume de amostragens por esses estudos. O método indutivo de análise contribui para o distanciamento em acessar e comunicar-se com teorias educacionais mais conhecidas à sua prática de pesquisa. (Mattos, 2004; Erickson, 1992; Rockweel, 1980).

O terceiro possui relação com a observação participante, visto que a aproximação do pesquisador com o objeto de pesquisa, muitas vezes resulta na dificuldade de objetivação do próprio objeto de pesquisa, não existindo o necessário distanciamento do seu campo.

[...] a objetivação participante (e que é preciso não confundir com a “observação participante”, análise de uma – falsa – participação num grupo estranho) é sem dúvida o exercício mais difícil que existe, porque requer a ruptura das aderências e das adesões mais profundas e mais inconscientes, justamente aquelas que, muitas vezes, constituem o «interesse» do próprio objecto estudado para aquele que o estuda, tudo aquilo que ele menos pretende conhecer na sua relação com o objeto que ele procura conhecer. [...] o trabalho de objetivação incide neste caso sobre um objeto muito particular, em que se acham inscritas, implicitamente, algumas das mais poderosas determinantes sociais dos próprios princípios da apreensão de qualquer objeto possível [...] (Bordieu, 2004, p. 51).

Os pontos de alerta dentro da abordagem da etnografia na educação são muitos outros além destes, tornando-se assim, cada vez mais importante que se tenha redobrada atenção quanto a escolha da metodologia. A etnografia requer uma utilização cautelosa, cuidadosa e também rigorosa, como todo trabalho de natureza científica.

Apesar da abordagem da etnografia contribuir para a ampliação quanto a formas de investigação na área da educação, por outro lado, é perceptível que esta mesma ampliação está se caracterizando de modo indiscriminado, visto os excessos e esvaziamento na utilização indiscriminada de recursos etnográficos nas pesquisas voltadas para a área educacional.

4. Concluindo

A etnografia é uma metodologia extremamente importante para a área da Educação, visto que proporciona formas de enxergar o invisível e desconsiderado pela sociedade, o que fornece ao pesquisador sensibilidade e profundidade para lidar com temas tão urgentes em nossa esfera.

Seu uso indiscriminado realmente é prejudicial e muito desfavorece o campo da educação, porém sua utilização com responsabilidade científica só tem a contribuir positivamente para a ampliação, entendimento e possivelmente resolutivas quanto a questões que perpassam os muros da escola e recaem na sociedade.

A etnografia é uma abordagem que nos proporciona refletir através da união de eixos extremamente necessários nos tempos atuais como, cultura, etnicidade, política e sociedade. Sua utilização consciente pode ser a chave para muitos entendimentos faltantes na educação.

Referências:

ACHUTTI, L. E. R. **Fotoetnografia da Biblioteca Jardim**. Porto Alegre, RS: UFRGS/Tomo, 2004.

ANDRÉ, M. D. A. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília, DF: Líber Livro, 2005.

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

BOAS, F. **Cuestiones Fundamentales de Antropologia Cultural**. Buenos Aires: Lautaro, 1943.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, SP: Edunesp, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo**. Brasília, DF: Paralelo 15, 2000.

CLIFFORD, J. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1978.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1978.

MARCONI, M. A.; PRESSOTTO, Z. M. N. **Antropologia**: uma introdução. São Paulo, SP: Atlas, 1992.

MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. **Etnografia visual**: o uso de imagens na pesquisa etnográfica, II Seminário Interno de Imagem, UERJ. Rio de Janeiro, RJ: 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **De Mauss a Claude Lévi-Strauss**. Textos selecionados. Coleção Os Pensadores. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1984.

ROCKWELL, E. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In: EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo, SP: Cortez, 1980. p.31-54.

OGBU, J. U. School ethnography: a multilevel approach. **Anthropology and Education Quarterly**, vol. 12, n. 1, p. 3-29, 1981.